

ARTIGOS

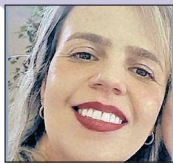
EX-querda, Dir-EITA: Centros sem voltas!

Simone Cristina Succi

Já passei por muitas, muitas eleições – só pra se ter uma ideia, me lembro bem das Diretas já, quando, em 1985, Tancredo Neves venceu as eleições. E, mesmo depois de passado tanto tempo, ainda tenho dúvida do que é ser uma liderança política de verdade.

Desconfio que essa minha dúvida que já percorre uns bons 40 anos se origina de tanto ouvir discursos políticos de persuasão, de dissuasão, de ódio, de amor, de distorção de ideias, de agressões. E, o que me preocupa, ainda mais hoje em dia, é que esses discursos não têm contribuído em nada para fortalecer o sentido de democracia, prestando

Ser líder exige coragem, ética, compromisso e uma visão que ultrapassa o ciclo eleitoral



um desserviço que as redes sociais ajudam potencializar.

Cansamos de ouvir e de aprender na escola que a democracia se diferencia da ditadura porque ela possibilita ao povo eleger seus representantes. Ou seja, a joia da democracia são as eleições diretas. Pois bem! E como anda por aqui a relação eleição-democracia?

Na minha pequena visão: uma falácia! Basta reparar nestes dias horripilantes que antecederam a eleição! Vejamos lá.

Teste rápido:

- Democracia combina com capitalismo destruidor do planeta?

- Democracia combina com empresas do Tec mundo controlando nossa vida?

- Democracia combina com fortunas acumuladas nas mãos de poucos bilionários em detrimento da miséria de milhões?

Líderes políticos tenebrosos, brasileiros ou não, (tenho certeza que você conhece pelo menos meia dúzia) foram elei-

tos “democraticamente” por uma população.

Pois é... e como uma população que diz viver uma democracia elegeu essa gente?

É que muitos líderes usam o discurso da enganação, jogando com nossos medos, manipulando nossas emoções e arremando soluções simplistas para problemas complexos. Ao invés de falar a verdade, eles a distorcem pelos caminhos da mídia, do judiciário, dos fundamentalismos religiosos, do crime organizado.

Ser líder é difícil, muito difícil. Ser líder exige coragem, ética, compromisso e uma visão que ultrapassa o ciclo eleitoral, deixando de lado as arcaicas bandeiras da esquerda ou da di-

reita como verdades absolutas. O líder real entende que, quando eleito, passa a ser um servidor público que precisa transformar seu conhecimento em políticas que realmente mudem a vida das pessoas, deixando de lado polarização e ideologias e trabalhar com valores que contribuam para o pleno desenvolvimento do potencial humano.

A política tem que unir, não dividir. Tem que servir, não se servir. Precisa ser uma construção coletiva que enxerga no outro um parceiro em potencial e não um inimigo e que vá além das velhas divisões da esquerda e da direita.

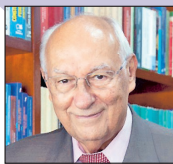
Simone Cristina Succi
Doutora em Linguística Aplicada e professora

O povo e o governo

Ives Gandra da Silva Martins

Aristóteles dividia os governos em seis. Considerava o melhor deles, aquele dirigido por um homem bom, só voltado para o povo, mais fácil de encontrar-se numa monarquia. O segundo seria o da aristocracia, com um grupo de homens dedicados a governar para a comunidade. O terceiro melhor seria a politia, quando o povo se dedica a procurar o bem da coletividade na escolha de seus dirigentes, mais do que seu interesse pessoal. Politia vem de “polis”, cidade, pois a Grécia desde os aqueus, dórios, jônios era um conjunto de cidades-Estado, que só se unificaram com os macedônios e Alexandre, que, de resto, foi discípulo do filósofo.

Esta tensão permanente entre o STF, o povo e o Congresso é perniciosa para nossa democracia



Enumerava, em seguida, os governos maus, sendo o menos ruim a democracia, governo do povo voltado para si mais do que para a comunidade. “Demos” em grego é povo. Depois vinha a plutocracia, um grupo de homens maus governando e, por fim, a pior das formas, ou seja, a tirania.

Por que trago estas considerações aos meus amigos leitores? É que me causou surpresa que em relação ao desfile oficial de 7 de setembro, a maior parte do trajeto percorrido pelo carro com o Presidente da República

estava repleta de seguranças, mas sem povo, apenas um pequeno número de populares perante o palanque oficial repleto de autoridades do Supremo Tribunal Federal e do governo Lula, além do presidente do Senado e a ausência do presidente da Casa do Povo.

Enquanto a ausência popular se fazia notar em Brasília, a avenida Paulista estava completamente lotada por centenas de milhares de brasileiros, que mostravam seu descontentamento com a interferência permanente

nos direitos individuais e na liberdade de expressão por parte do Pretório Excelso, pedindo medidas do Congresso para corrigir as distorções da aplicação da lei suprema, que entendiam fragilizar a democracia.

A escassez do povo no evento dos que se autointitulam defensores da democracia e a multidão de brasileiros na manifestação dos que são o povo e se sentem perseguidos pelos pretendidos protetores democráticos que estão reescrevendo a Constituição promulgada pelos Constituintes de 88, constituem, pelo menos, matéria para reflexão.

O certo, todavia, é que esta tensão permanente entre o STF, o povo e o Congresso, com a primeira vez na história do país

uma multidão vir às ruas para pedir impeachment de um ministro da Suprema Corte, é perniciosa para a nossa democracia.

Não seria o caso, pois, de os ministros do STF voltarem a ser o que eram os magistrados da época do ministro Moreira Alves, quando o Supremo Tribunal Federal era a instituição mais respeitada do país?

Se voltassem a ser, teríamos a harmonia e independência dos Poderes e isto seria bom para o povo, para a democracia e para o país.

Ives Gandra da Silva Martins
Jurista, presidente do Conselho Superior de Direito da Fecomercio - SP, ex-presidente da Academia Paulista de Letras (APL) e do Instituto dos Advogados de São Paulo (Iasp)

Qualidade do ar: menos falácias, mais esclarecimento

Natália Resende

Reduzir a concentração de poluentes na atmosfera é um desafio e objetivo do estado de São Paulo. Somos destaque nacional como único estado do Brasil a adotar a meta 2 da Organização Mundial da Saúde (OMS) de concentração de gases e materiais particulados no ar – o mais recente relatório da OMS descreve 4 níveis intermediários de metas a serem perseguidas, sendo que, no Brasil, apenas São Paulo já aplica a meta 2, mais rigorosa.

Segundo a própria OMS, o nível ideal ainda não foi atingido pelas nações onde vive 99% da população mundial. O Brasil prevê chegar nesse

Realizamos medições há 40 anos, por meio de equipamentos certificados e de referência mundial



nível em 2044. Em São Paulo, estamos atuando com consistência a partir de um plano robusto, com ações de curto, médio e longo prazo, que já estão dando resultado.

A evolução na qualidade do ar tem que ser olhada historicamente, pelas médias diárias e anuais, e não por recortes horários ou à luz do evento extremo que vivemos nestes meses por conta da severa estiagem e do grande número de queimadas. Nossos gráficos históricos de-

monstram uma redução considerável na concentração de poluentes ao longo das décadas. No particulado maior (MP10), por exemplo, a queda de concentração foi de 70% de 1985 a 2023.

Realizamos medições há 40 anos, por meio de equipamentos certificados e de referência mundial. A rede da Cetesb, agência ambiental estadual, tem 85 estações físicas que cobrem todo o território. Nossos dados são rastreáveis e confiáveis, enquanto informações que vêm sendo

utilizadas para classificar São Paulo em um ranking de cidades mais poluídas, gerando desinformação, são de uma empresa que comercializa sensores e purificadores de ar.

Além desse acompanhamento permanente e da adoção de medidas regionalizadas, também é feita continuamente a fiscalização de veículos pesados, para coibir abusos. Essas ações se somam à maior operação de prevenção e combate a queimadas que o Brasil já viu. A operação São Paulo Sem Fogo, que começa com ações preventivas em abril, antes da seca, conta com mais de R\$ 170 milhões em investimentos e um efetivo que supera 15 mil pessoas.

Todos esses esforços atacam

as consequências dos extremos climáticos, mas é preciso dizer que não temos nos esquecido das causas, pelo contrário. O Plano de Ação Climática do estado, com horizonte até 2050, e o Plano Estadual do Meio Ambiente contam com ações concretas em diversos eixos.

O desafio é urgente e exige ação de todas as esferas tanto no campo da mitigação quanto da adaptação e resiliência climática. No que compete ao Estado de São Paulo, temos investido muito e atuado de forma planejada, com a gravidade que demanda a situação.

Natália Resende
Secretária de Estado de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística de São Paulo